

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE CLUSTERS POTENCIAIS DE TURISMO NO NORDESTE: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA A PARTIR DE DADOS DA PNAD*

Poema Isis Andrade de Souza

Graduação em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco. Ex-bolsista do grupo de iniciação científica PET-Economia da UFPE.

Raul da Mota Silveira Neto

Professor do PIMES – UFPE. Doutor em Economia pela USP e pesquisador do CNPq.

RESUMO Este artigo tem como objetivo principal identificar a existência de *clusters* potenciais de turismo no Nordeste, apontando sua dimensão econômica e características da mão-de-obra empregada no setor, como gênero, raça, idade, nível de instrução, rendimento e grau de informalidade. A identificação dos *clusters* na região foi realizada através do cálculo do Quociente Locacional (QL) e de duas medidas de *Horizontal Cluster*. A base de dados é fornecida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, referente ao período 2002-2005. Os resultados revelaram que o Nordeste apresenta *clusters* potenciais de turismo, destacando-se em relação às demais regiões brasileiras. Os estados da região que se destacaram foram Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe. Já a identificação de *clusters* de turismo nas regiões metropolitanas do Brasil foi comprovada para todas as localidades. No Nordeste, a RM de Salvador foi a que apresentou o maior potencial no setor, todavia, as regiões metropolitanas de Recife e Fortaleza também tiveram desempenhos favoráveis.

Código JEL: L83, O18, R11, R19.

Palavras-chave: Turismo, *clusters* potenciais, pessoal ocupado.

ABSTRACT The main purpose of this paper is to identify the existence of potential tourism clusters in the Northeast of Brazil, pointing their economic dimension and characteristics of its labor force, such as gender, race, age, education level, income and informality. Clusters identification was based on the Location Quotient (LQ) and two measures for Horizontal Clusters. The database comes from the Brazilian Household Survey (PNAD), referring to period 2002-2005. The results show that there are potential tourism clusters in Northeast, which stood out against other Brazilian regions. Moreover, the states of Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco and Sergipe presented the stronger outcomes in that region. Looking at the Metropolitan Regions, all of them pointed to the presence of potential tourism clusters. In Northeast, the greatest potential was found in Salvador metropolitan region, although the Recife and Fortaleza metropolitan regions also had good performances.

Key-words: Tourism, potential clusters, employees.

* Artigo recebido em novembro/2007 e aceito em fevereiro/2008.

1. Introdução

O turismo é uma atividade econômica que vem apresentando uma evolução favorável nos últimos anos em diversas localidades do mundo. O setor turístico é formado por meios de hospedagem, restaurantes, agências de viagens, transportes, etc., e pode desempenhar uma importante função no desenvolvimento econômico de regiões de baixa renda ou renda média que apresentam potencialidade no setor, através da geração de emprego e renda, em suas várias dimensões.

Na verdade, é a existência de um conjunto de fatores denominado atrativos turísticos, composto por belezas naturais, formação histórico-cultural, dinâmica da economia, entre outros, que possibilita o desenvolvimento de vários tipos de turismo no país, principalmente, sol e praia, cultural, ecoturismo, esportes, negócio e eventos, aventura e rural. Todavia, para um aproveitamento satisfatório das potencialidades geradas pelos atrativos é indispensável uma infra-estrutura turística adequada.

A região Nordeste do Brasil apresenta potencialidades para o desenvolvimento do setor turístico, especialmente no que se refere ao turismo sol e praia. Nos últimos anos, a região apresentou um aumento considerável no turismo internacional no Brasil e, em 2005, de acordo com dados da EMBRATUR, teve uma participação de 8,5% na recepção dos turistas estrangeiros que visitaram o país (abrange os estados da Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco). A maior parte desses turistas se concentra, primordialmente, nas capitais nordestinas, com maior destaque para Salvador (BA), Natal (RN), Fortaleza (CE) e Recife (PE).

O Nordeste, além de se destacar no turismo internacional, também desempenha uma função importante no turismo doméstico no país. No estudo “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil - 2006”, desenvolvido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE e pelo Ministério do Turismo, foi verificado que a região recebe 19,9% dos turistas domésticos e envia 11,1% desses visitantes para outras regiões, apresentando a menor razão turismo emissor/receptivo (0,6) entre as regiões do Brasil. Assim, o Nordeste é destacado como a região preponderantemente receptora de turistas.

A tentativa de dimensionar a atividade turística e identificar a existência de *clusters* potenciais é uma forma de se constatar como as potencialidades regionais existentes no setor estão sendo aproveitadas em termos econômicos. A partir do desenvolvimento de *clusters*, a região poderá diversificar seus produtos turísticos de forma mais eficiente, por existir um nível mais elevado de organização do setor, resultante de uma interação mais intensa entre os agentes e as instituições diretamente ligadas a essa cadeia produtiva. Esse processo também estimula uma maior competitividade na busca da ampliação do mercado.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é identificar a existência de *clusters* potenciais de turismo no Nordeste, apontando suas características e dimensões econômicas, em termos de emprego e renda, além de sua evolução, entre os anos de 2002 e 2005, utilizando como base de dados a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios).

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma, a próxima seção apresenta a conceituação e o dimensionamento do *cluster* de turismo. A seção 3 contém a metodologia utilizada no trabalho. A seção 4 exibe evidência a respeito da dimensão do turismo e a identificação dos *clusters* no Nordeste. A seção 5 apresenta algumas características das ocupações no turismo como sexo, raça, idade, rendimento, informalidade. Por fim, a seção 6 expõe as conclusões do trabalho.

2. Cluster de Turismo: Conceituação e Dimensionamento

O conceito de *cluster* estava relacionado, primeiramente, aos agrupamentos industriais, sobretudo, aos Distritos Industriais Marshallianos. Entretanto, recentemente, existe uma tendência de expansão desse conceito desenvolvido por Michael Porter para algumas atividades do setor de serviços da economia.

As aglomerações produtivas desenvolvem algumas vantagens, entre elas, economias de escala e economias externas. Os ganhos de escala estão relacionados às vendas de insumos e produtos, enquanto que as economias externas são resultantes da proximidade das empresas. (Krugman, 1999 apud Almeida et al, 2003).

A idéia básica de *cluster* diz respeito a agrupamentos de atividades econômicas e agentes relacionados a uma cadeia produtiva, que apresentam características e interesses comuns que os diferenciam de outros segmentos, e são delimitados geograficamente. "(...) Michel Porter mostra que um *cluster* inclui um espectro grande de empresas e instituições que se relacionam no processo de determinação da eficiência de certo bem ou serviço que ele oferta para os agentes externos à sua cadeia produtiva". (Barros, p.133, 2002).

As vantagens de se identificar agrupamentos que podem ser classificados como *clusters* são expressas, sobretudo, porque existe cooperação entre os agentes e empresas da cadeia produtiva, estimulando a competitividade, a ação coletiva, e, conseqüentemente, um maior nível de eficiência.

A cooperação existente em cada cluster ocorre de maneiras e intensidades distintas, sendo assim, os *clusters* podem ter cooperações horizontais ou verticais. Um *cluster* horizontal apresenta um nível de confiança entre seus agentes que pode ter como objetivo a obtenção de economia de escala na produção, na comercialização ou na produção de alguns serviços, por exemplo, através do compartilhamento de informações. Todavia, a relação entre os agentes de um *cluster* vertical é de interdependência nas etapas do processo produtivo e de comercialização. Além disso, os *clusters* (aglomerações de empresas) também se diferenciam quanto ao grau de desenvolvimento, podendo ser classificados desde clusters potenciais até mesmo clusters avançados. (Almeida et al, 2003).

Um *cluster* de turismo é formado por empresas e instituições que interagem em conjunto, promovendo vantagens competitivas que têm impactos positivos na diversificação de produtos turísticos, no padrão de qualidade dos produtos e serviços fornecidos, e na implantação de uma infra-estrutura adequada. Esse tipo de agrupamento tem características de *cluster* horizontal e vertical. Por exemplo, a

relação existente entre a rede de hotéis e transportes caracteriza-se como vertical. Já as parcerias entre meios de hospedagens e locais de entretenimento estão, possivelmente, mais adequadas ao conceito de *cluster* horizontal.

De acordo com Barbosa e Zamboni (2000), a estrutura do *cluster* de turismo está formada por um núcleo central, com os principais atrativos e atividades econômicas fortemente relacionadas ao turismo e por outras esferas circundantes, que representam as instituições de apoio local (por exemplo, a Secretaria Municipal de Turismo), supra (por exemplo, universidades) e supralocal (como por exemplo, órgãos de planejamento regional), além da estrutura física de acesso e o meio (rural ou urbano) na qual a atividade está inserida.

O dimensionamento econômico do *cluster* de turismo é realizado, na maioria dos estudos, definindo-se um núcleo de atividades que, em geral, tem uma ligação intensa com o aproveitamento da atividade. Mais especificamente, o núcleo do turismo, em geral, inclui os serviços de alojamento, alimentação, transportes, agências e operadores turísticos e entretenimento.

A identificação de *clusters* no Brasil ainda pode ser considerada bastante limitada, pois esses tipos de agrupamento de atividades produtivas exigem um nível de organização elevado entre os agentes e empresas da cadeia produtiva, difíceis de serem observados em economias menos desenvolvidas. No caso do Nordeste, a situação ainda é mais desfavorável, pois a economia da região e seus respectivos setores de atividades não estão entre os mais desenvolvidos do país, resultando em dificuldades de articulação entre agentes, por existir, sobretudo, setores pouco competitivos, tecnologias atrasadas e “falhas” de mercado. Sendo assim, é mais pertinente a identificação de *clusters* potenciais, ou seja, agrupamentos setoriais que se encontram em um estágio incipiente e deveriam ser estimulados para um melhor aproveitamento econômico das potencialidades regionais existentes.

3. Identificação de Clusters: Aspectos Metodológicos

A metodologia adotada neste trabalho para a identificação de *clusters* potenciais de turismo no Nordeste está baseada em três indicadores: o cálculo do Quociente Locacional (QL), além de duas medidas de *Horizontal Clustering*.

Para isso, foi necessário definir o núcleo do *cluster* de turismo, formado pelas principais atividades do setor. Utilizando-se como modelo a classificação da EMBRATUR para mensurar o setor, o *cluster* de turismo incorporou as seguintes atividades: hospedagem, alimentação, agências de viagens, transporte rodoviário de passageiros, transporte aéreo, atividades recreativas e aluguel de veículos.

A base de dados é fornecida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, referente ao período 2002-2005. O período considerado não pode ser mais abrangente, pois, em anos anteriores, os agrupamentos das atividades contidos na PNAD não eram compatíveis com aqueles de anos mais recentes, devido às mudanças metodológicas ocorridas na classificação das atividades. Os dados foram utilizados no cálculo do número de pessoas ocupadas no turismo nos estados e nas 3 regiões metropolitanas do Nordeste que constam na

PNAD (Salvador, Recife e Fortaleza).

A identificação de *clusters* é amplamente realizada utilizando-se o cálculo do Quociente Locacional (QL), que permite fazer comparações entre as especializações em determinado setor das localidades selecionadas. (Fingleton, Iglori e Moore, 2003). O QL é dado pela seguinte equação:

$$QL = \frac{\cancel{E_{ij}}/E_j}{\cancel{E_{in}}/E_n} \quad \text{ou} \quad QL = \frac{\cancel{E_j}/E}{\cancel{E_n}/E_j} \quad (1)$$

Onde, E_{ij} é o emprego do setor i na localidade j ; E_j é o total de emprego na localidade j ; E_{in} é o total do emprego do setor i no país, região ou em outra dimensão territorial na qual a localidade j está inserida, e E_n é o total do emprego do país, relacionado a todos os setores da economia.

Se $QL > 1$, existe algum nível de especialização do setor na localidade j , pois a participação do setor fica acima da participação média do país. Se $QL = 1$, significa que as localidades apresentam o mesmo nível de especialização no setor i . Se $QL < 1$, a participação do setor i no total de emprego do país é superior à da localidade selecionada.

O cálculo do QL possibilita uma primeira identificação de *clusters* potenciais de turismo no Nordeste. Entretanto, o QL apresenta alguns problemas na mensuração da importância do *cluster* em termos absolutos. Por exemplo, uma determinada localidade pode apresentar um QL elevado, entretanto, o setor pode ser de pouca relevância em termos absolutos.

Um cálculo alternativo, utilizado por Fingleton, Iglori e Moore (2003), mensura o excesso do número de empregos de um determinado setor na localidade selecionada que caracteriza um *cluster* potencial, ou seja, o número absoluto de pessoas ocupadas que indica a especialização da localidade no setor. Para isso, é necessário calcular o número esperado de empregos para que o QL tenha o seu valor igual a 1. Assim, o número esperado é definido de modo que a participação do setor na localidade seja igual à sua participação nacional. Para isso, E_{ij} é substituído

por \hat{E}_{ij} para produzir $QL = \frac{\hat{E}_{ij}/E_j}{E_{in}/E_n} = 1$.

Onde, \hat{E}_{ij} é o número de esperado de empregos que faz $QL = 1$. Uma vez definido o número esperado de emprego do setor (\hat{E}_{ij}) podemos calcular o número de empregos excedentes, que reflete o nível de especialização. Assim, os autores Fingleton, Iglioni e Moore (2003) denominaram essa medida de *horizontal clustering* (HC^*). O cálculo de HC^* é feito, então, da seguinte forma:

$$HC^* = E_{ij} - \hat{E}_{ij} . \quad (2)$$

Por fim, outra maneira adotada de se identificar um *cluster* inclui informações sobre a proximidade geográfica da atividade, mensurando a intensidade do *cluster* em termos de pessoas ocupadas por unidade de área, Km^2 (Fingleton, Iglioni e Moore, 2003). Essa medida de *Horizontal Clustering* é utilizada, pois as vantagens proporcionadas pelos *clusters*, como economias externas, disseminação de *know-how*, sinergias, entre outras, estão relacionadas com a proximidade geográfica existente entre os agentes dessa cadeia produtiva. A variável que mede a intensidade do *cluster*, aqui, é dada pela relação:

$$HC = \frac{E_{ij}}{A} \quad (3)$$

Onde, E_{ij} é o total de pessoas empregadas no turismo e A é a área da localidade i selecionada.

4. Dimensão e Identificação do Cluster Potencial de Turismo no Nordeste

Algumas evidências a respeito da dimensão do turismo e a identificação dos *clusters* no Nordeste foram levantadas neste trabalho.

4.1. Dimensão e Evolução da Atividade Turística

Com o objetivo de dimensionar a atividade turística nos estados do Nordeste, observou-se que, no ano de 2005, havia 1.244.700 pessoas com ocupações em setores diretamente relacionados com o turismo. Os estados que apresentaram os maiores números de pessoas ocupadas no turismo foram Bahia, Pernambuco e Ceará. O que era esperado, dado, por um lado, pelo fato de que nem todas as atividades são exclusivas do turismo, e, por outro, pelo porte dessas economias.

Entretanto, é importante ressaltar que, entre os anos 2002 e 2005, os estados do Nordeste apresentaram diferentes taxas de crescimento do número de pessoas ocupadas na atividade turística. Sendo assim, para esse período, temos as seguintes variações: 37,5%, Piauí; 21,5%, Ceará; 17,2%, Rio Grande do Norte; 12,7%, Bahia; 11,4%, Paraíba; 10,3%, Alagoas; 4,8%, Maranhão; - 4,7%, em Sergipe; - 8,3%, em

Pernambuco. A taxa de crescimento negativa de Pernambuco chama atenção por este estado ser um dos principais receptores de turistas no Nordeste.

A evolução do número total de pessoas ocupadas no setor de turismo em cada estado é um indicador do dinamismo econômico da atividade. A partir da tabela 1, a seguir, pode-se constatar o número de pessoas ocupadas no setor de turismo e a sua participação em relação ao total de pessoas ocupadas da economia, por Unidade da Federação (UF) do Nordeste.

Tabela 1

Número de pessoas ocupadas no setor de turismo e sua participação no total do pessoal ocupado de cada UF do Nordeste

UF/NE/ Brasil	2002		2003		2004		2005	
	Pessoas ocupadas no turismo	Part (%)						
MA	106539	4,1	99109	4,5	143464	5,3	111643	3,9
PI	39795	2,7	4430	3,6	54338	3,5	54704	3,5
CE	172926	5,2	173702	5,7	177476	4,9	210114	5,6
RN	66505	6	69967	6,6	80977	6,6	77924	6,2
PB	74360	5	54337	4,2	77749	5,1	82867	5,2
PE	233099	6,8	193786	6,4	222614	6,4	213677	5,9
AL	51644	4,7	44410	4,7	61788	5,4	56967	4,7
SE	58168	7	47977	6,3	67253	7,5	53517	6
BA	340158	5,7	305796	6	333268	5,4	383287	6
NE	1141195	5,4	993514	5,3	1218927	5,4	1244700	5,4
BRASIL	4771062	6,1	4380947	6	4999528	5,9	5127053	5,9

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

A comparação entre os anos de 2002 e 2005 revela que a participação do turismo, em termo de pessoas ocupadas, manteve-se constante na economia da região Nordeste, seguindo a tendência nacional, cuja oscilação pode ser considerada irrelevante. Uma observação pertinente é que, para o ano de 2005, os maiores percentuais de participação desse setor na economia estão relacionados aos principais estados receptores de turistas no Nordeste, com exceção de Sergipe. Assim, destacam-se as maiores participações do setor turístico, em 2005, nos estados do Rio Grande do Norte, 6,2%, da Bahia, 6%, de Pernambuco, 5,9%, e do Ceará, 5,6%. É necessário enfatizar, também, que essa participação aumentou ou permaneceu constante para a maioria dos estados, em relação ao ano de 2002, com ressalva para os estados de Pernambuco, Sergipe e Maranhão, que a apresentaram uma redução do número de ocupações geradas no setor.

Uma vez que o turismo inclui um conjunto de diferentes atividades, algumas não exclusivas do setor, um melhor entendimento da sua evolução na economia é possível analisando a participação das atividades de hospedagem, alimentação, transporte rodoviário de passageiros, transporte aéreo, agências de viagem, aluguel de veículos e atividades recreativas, em cada ano. A tabela 2, a seguir, mostra as participações percentuais das atividades do núcleo do turismo, em relação ao número de pessoas ocupadas no setor, para os anos de 2002 e 2005.

Tabela 2

Participações percentuais do pessoal ocupado em cada atividade do núcleo do turismo no total do pessoal ocupado do setor, 2002-2005

Atividades do Núcleo do Turismo														
UF/NE/BR	Hospedagem		Alimentação		Transporte Rodoviário de Passageiros		Transporte Aéreo		Agências de Viagens		Aluguel de Veículos		Lazer	
	2002	2005	2002	2005	2002	2005	2002	2005	2002	2005	2002	2005	2002	2005
MA	3,8	5,8	42,1	53,2	44,4	33,8	0,0	0,0	0,8	0,7	0,0	0,0	9,0	6,5
PI	9,0	3,8	33,3	54,7	42,3	33,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	15,4	8,5
CE	4,7	5,4	56,3	58,3	30,3	25,8	0,0	0,8	0,6	0,9	0,6	0,4	7,5	8,3
RN	9,3	9,7	54,0	47,2	26,6	32,4	0,0	0,6	2,9	1,7	0,0	1,1	7,2	7,4
PB	3,0	7,0	53,8	54,5	33,1	32,6	0,0	0,0	1,8	0,0	0,0	1,1	8,3	4,8
PE	6,4	6,6	56,2	51,3	30,3	32,6	0,6	1,2	1,2	1,8	0,4	0,0	4,9	6,5
AL	6,2	6,6	61,9	44,3	27,4	39,3	0,0	0,0	0,9	2,5	0,9	0,8	2,7	6,6
SE	7,3	3,7	56,4	53,7	27,4	32,1	0,0	0,0	0,0	0,6	0,6	0,6	8,4	9,3
BA	6,0	6,6	58,6	58,3	26,7	27,6	0,4	0,3	1,2	0,7	0,7	0,5	6,3	6,1
NE	5,9	6,6	54,8	52,4	30,7	31,8	0,2	0,5	1,1	1,0	0,5	0,5	6,9	7,2
BR	6,0	6,3	54,8	55,8	27,8	27,1	1,2	1,1	1,8	1,4	0,3	0,4	8,1	7,9

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

A análise das atividades do núcleo do turismo, para o ano de 2002, revelou que o segmento de alimentação foi o que apresentou a maior participação no agrupamento, atingindo um valor de 54,8% no Nordeste e no Brasil. Em seguida, a atividade de transporte rodoviário de passageiros teve o maior peso, correspondendo a 27,8% do turismo no Brasil, e a 30,7% do turismo na região Nordeste. As atividades de lazer, hospedagem, agências de turismo, transporte aéreo e aluguel de veículos que completam o núcleo, foram responsáveis, juntas, por 17,4% do total de pessoas ocupadas no setor turístico brasileiro e por 14,4% das ocupações no turismo do Nordeste.

A participação das atividades que compõem o setor turístico também foi analisada entre as UF's da região Nordeste. Em 2002, por exemplo, o Rio Grande do Norte foi o estado que apresentou a maior participação dos serviços de hospedagem (atividade exclusiva do turismo), 9,3%, valor acima da participação desse segmento no turismo do Brasil. Já no segmento de alimentação (atividade não exclusiva do turismo, porém de maior participação), em 2002, as UF's do Nordeste que se apresentaram os maiores percentuais foram as seguintes: Alagoas, 61,9%; Bahia, 58,6%; Sergipe, 56,4%; Ceará, 56,3%; e Pernambuco, 56,2%.

É importante destacar a participação limitada do setor de transporte aéreo, em 2002, no turismo no Nordeste. Os estados de Pernambuco e Bahia foram os únicos que apresentaram participações representativas, e tiveram os seguintes valores em 2002, 0,6% e 0,4%.

Ao longo do tempo, verificou-se que a participação da atividade de hospedagem no turismo aumentou no Brasil, em 2005, atingindo 6,3% das pessoas ocupadas no turismo, e na região Nordeste, 6,6%. No Nordeste, os únicos estados que apresentaram reduções relativas desse segmento foram Piauí e Sergipe. O Rio Grande do Norte continuou a ser o estado que apresentou a maior participação dos serviços de hospedagem, no ano de 2005, com um percentual de 9,7%, seguido da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia, respectivamente.

A atividade de alimentação foi a que apresentou maior perda de participação no turismo na região Nordeste, entre 2002 e 2005, passando de 54,8% para 52,4% (a maior redução foi verificada no estado de Alagoas, 17,6%). No Brasil, entretanto, os serviços de alimentação tiveram um pequeno aumento de 1% de sua participação no setor turístico entre esses dois anos.

As demais atividades não apresentaram mudanças significativas, todavia, algumas observações são pertinentes, a participação dos serviços de transporte aéreo na região Nordeste, por exemplo, em 2002, refletia somente as participações do estado de Pernambuco e da Bahia. Mas, em 2005, a parcela de 0,5% do segmento corresponde à participação dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia (principais receptores de turistas da região).

Os resultados apresentados revelam que as atividades mais estritamente ligadas ao setor de turismo cresceram suas participações na região Nordeste, e tiveram uma pequena redução no núcleo do turismo do Brasil. Assim, foi definido o “núcleo puro” do turismo, formado pelas atividades de hospedagem, transporte rodoviário de passageiros, transporte aéreo e agências de viagens para se obter um melhor panorama do setor. A tabela 3, a seguir, mostra a participação percentual das pessoas ocupadas no “núcleo puro” no total das atividades do núcleo do turismo para o Nordeste e o Brasil.

Esta tabela revela que as principais atividades ligadas ao turismo, o “núcleo puro”, tiveram um crescimento de 2% no Nordeste e -0,9% no Brasil, entre 2002 e 2005. Os estados da região que apresentaram as maiores participações do “núcleo puro” no total de pessoas ocupadas no turismo, em 2005, foram: Alagoas, com 48,4%, Rio Grande do Norte, com 44,4%, e Pernambuco, com 42,2%. Esses estados também apresentaram as maiores taxas de crescimento da participação do “núcleo puro” entre 2002 e 2005. Alagoas chama atenção, pois o crescimento desse núcleo foi de 13,9%, no período referente. A menor participação, em 2005, foi observada no estado do Ceará, 32,9%.

Tabela 3
Participação (%) do pessoal ocupado no “núcleo puro” em relação ao total do núcleo do turismo, 2002-2005

UF/NE/BR	“NÚCLEO PURO” DO TURISMO	
	2002	2005
MA	49,0	40,3
PI	51,3	36,8
CE	35,6	32,9
RN	38,8	44,4
PB	37,9	39,6
PE	38,5	42,2
AL	34,5	48,4
SE	34,7	36,4
BA	34,3	35,2

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

4.2. Identificação de Clusters Potenciais de Turismo no NE

Informações referentes ao número total de pessoas ocupadas no setor de turismo e sua segmentação por tipo de atividade, além da participação percentual do setor na economia, são necessárias para uma melhor compreensão do turismo como uma atividade econômica. Os percentuais de participação do turismo na economia são utilizados na construção do Quociente Local (QL). Um valor do QL acima de 1 é um indicador razoável da existência de *cluster* potencial de turismo na localidade selecionada. A tabela 4, a seguir, mostra os valores do QL de cada UF do Nordeste, para o período 2002-2005.

Pode-se perceber, de acordo com o valor do QL de cada estado durante o período analisado, que a região Nordeste não apresenta uma grande quantidade de *clusters* potenciais de turismo, resultando em quocientes regionais da atividade menores do que 1, mas que vêm apresentando crescimento.

No ano de 2002, os estados que apareceram como portadores de *clusters* potenciais de turismo foram Sergipe e Pernambuco. Entretanto, em 2003, o Rio Grande do Norte apresentou o valor do seu QL acima de 1, indicando uma possível existência *clusters* potenciais no setor. No ano de 2004 não houve nenhuma alteração entre os estados do Nordeste que apresentavam *clusters* potenciais de turismo, permanecendo Sergipe, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Por fim, em 2005, o estado de Pernambuco deixa de apresentar um indicador de existência de *clusters* potenciais no turismo e o estado da Bahia sinaliza a sua potencialidade no setor obtendo um QL acima de 1.

Tabela 4
Quocientes Locacionais de cada UF do Nordeste, 2002-2005

UF/NE/BR	2002	2003	2004	2005
MA	0,67	0,75	0,90	0,66
PI	0,44	0,60	0,59	0,59
CE	0,85	0,95	0,83	0,95
RN	0,98	1,10	1,12	1,05
PB	0,82	0,70	0,86	0,88
PE	1,11	1,07	1,08	1,00
AL	0,77	0,78	0,92	0,80
SE	1,15	1,05	1,27	1,02
BA	0,93	1,00	0,92	1,02
NE	0,88	0,88	0,92	0,91
BRASIL	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Uma vez realizada a análise dos quocientes locacionais da região, é importante verificar a situação do Nordeste em relação às outras regiões do país. Calcularam-se, então, os quocientes de cada UF, para o ano de 2005, e foi constatada a existência de 9 UF's com *clusters* potenciais de turismo no Brasil, sendo 3 dessas pertencentes à região Nordeste. Ou seja, o Nordeste se encontra numa situação relativamente favorável. A tabela 5, a seguir, contém o QL dos estados que apresentam indícios da existência *clusters* potenciais de turismo, separados por regiões.

De acordo com a tabela abaixo, os quocientes que indicam a existência de *clusters* potenciais de turismo pertencem aos principais destinos turísticos do país, em sua maior parte, foram os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas, Bahia e Rio Grande do Norte.

Tabela 5
Clusters potenciais de turismo no país, de acordo a região e UF's – 2005

UF/QL	Região / UF									
	SE		NO		CO		NE			BR
UF	RJ	SP	AM	AP	DF	GO	RN	BA	SE	
QL	1,64	1,08	1,44	1,14	1,19	1,07	1,05	1,02	1,02	1,00

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

A identificação de *clusters* potenciais de turismo por UF apesar de ser informativa, não contém maiores detalhes sobre em quais localidades nos estados os empregos relacionados ao turismo estão concentrados. Desta forma, torna-se interessante fazer uma análise com maior desagregação espacial. Então, diante da informação de que a atividade turística concentra-se, de forma considerável, em torno das capitais do país, foram calculados os QL's das regiões metropolitanas disponíveis na PNAD. A tabela 6, a seguir, contém informações das pessoas ocupadas no turismo em cada região metropolitana, e destaca a participação percentual do turismo na economia e o valor do QL por localidade, entre os anos de 2002 e 2005.

Tabela 6

Pessoas ocupadas (PO) no setor, participação (%) no emprego total da economia e QL, por Região Metropolitana

RM/Brasil	2002			2003			2004			2005		
	PO	Part(%)	QL	PO	Part. (%)	QL	PO	Part(%)	QL	PO	Part (%)	QL
Belém	70231	9,4	1,54	98590	8,1	1,35	65927	7,9	1,34	72185	8,3	1,41
Fortaleza	102869	8,2	1,34	59940	8	1,33	102330	7,5	1,27	121881	8,4	1,42
Recife	145326	10,8	1,77	469139	10,2	1,70	131129	9,8	1,66	126622	9,1	1,54
Salvador	145086	10,8	1,77	121896	9,9	1,65	159603	10,9	1,85	161082	10,7	1,81
Belo Horizonte	169261	8,1	1,33	162515	7,8	1,30	182784	8,1	1,37	182462	7,9	1,34
Rio de Janeiro	509340	11,1	1,82	137945	10,6	1,77	504225	10,4	1,76	505607	10,2	1,73
São Paulo	857737	7,9	1,30	73032	7,8	1,30	680710	8	1,36	664588	7,3	1,24
Curitiba	107326	7,7	1,26	97533	7,3	1,22	110556	7,1	1,20	105308	6,7	1,14
Porto Alegre	113852	6,3	1,03	110062	8,1	1,02	121139	6,3	1,07	128680	6,5	1,1
BRASIL	4771062	6,1	1,00	4380947	6	1,00	4999528	5,9	1,00	5127053	5,9	1,00

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Os resultados obtidos revelaram que todas as regiões metropolitanas consideradas apresentam algum potencial no aproveitamento do turismo como atividade econômica. Além disso, observou-se que os valores mais elevados dos quocientes locacionais pertenceram, para todos os anos, às regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Entretanto essas localidades sofreram alterações entre as posições de liderança no período analisado. Por exemplo, em 2002, a RM do Rio de Janeiro ocupava a primeira colocação, contudo perdeu posicionamento, especialmente para a Região Metropolitana de Salvador que, em 2005, apresentou o maior QL entre as regiões, com um valor de 1,81. Um QL com esse valor significa que a atividade turística na RM de Salvador tem quase o dobro da participação do turismo no Brasil.

Em 2002, o *ranking* das 5 primeiras regiões metropolitanas com maiores QL's ficou da seguinte forma, Rio de Janeiro, em primeiro lugar, Salvador e Recife, empatadas na segunda posição, Belém, em terceiro lugar, por fim, Fortaleza, em quarta colocação. Já para o ano de 2005, o *ranking* ficou estabelecido com a RM de Salvador na liderança, seguida das regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza e Belém. Notou-se que os valores dos QL's das regiões metropolitanas são mais elevados em relação aos quocientes da UF's.

Pode-se afirmar, então, que as RM's do Nordeste se sobressaem entre as regiões do Brasil, apresentando um maior número de *clusters* potenciais de turismo, utilizando-se o QL como indicador. Vale ressaltar, ainda, que os valores dos quocientes locacionais não foram tão expressivos, embora estivessem com valores acima de 1, o que indica a "potencialidade", ou desenvolvimento em estágio inicial, dos prováveis *clusters* de turismo.

O cálculo do QL é uma medida bastante utilizada na identificação de *clusters*, todavia, como já foi apontado, envolve limitações quanto à magnitude do setor analisado em termos absolutos. Então, foram adotados outros indicadores

complementares, definidos como medidas de *Horizontal Clustering* (HC). Uma dessas medidas utiliza o número esperado de pessoas ocupadas (\hat{E}_{ij}), para que o turismo tenha na economia analisada o mesmo percentual de participação do setor na economia do país. De outra forma, que esse número esperado de pessoas ocupadas no setor produza um QL igual a 1. De posse do \hat{E}_{ij} , calculou-se o HC*, que é igual à diferença entre o número total de pessoas ocupadas no turismo (E_{ij}) e o número esperado (\hat{E}_{ij}). Essa medida traz uma informação importante, pois através desse cálculo é possível perceber a quantidade de empregos que caracteriza o nível de especialização no setor acima da média, as localidades com $QL > 1$.

As medidas de *Horizontal Clustering* (HC*) encontradas para cada UF do Nordeste reforçaram os resultados dos QL's apresentados anteriormente. Percebe-se, então, que em 2002, por exemplo, Pernambuco apresentou um número elevado de empregos que excediam o percentual correspondente à média de participação do setor na economia nacional. Isso significa uma especialização do estado no setor de turismo, gerando indícios da existência de *clusters* potenciais. Já o excedente de empregos do turismo no estado de Sergipe foi de menor magnitude, porém, não desprezível.

A análise da dimensão do HC* dos estados do Nordeste, para o ano de 2005, destaca os estados da Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe. Os valores encontrados mostram que a magnitude dos empregos excedentes, que apontam a existência de *clusters* potenciais de turismo no Nordeste, ainda é limitada. A tabela 7, a seguir, mostra o cálculo do HC* para as UF's do Nordeste nos anos de 2002 e 2005.

A comparação entre as medidas de *Horizontal Clustering* (HC*) dos estados do Nordeste com as outras UF's do Brasil, que apresentam quocientes locais acima de 1 é interessante para se perceber as diferenças nas magnitudes dos empregos excedentes. Assim ficaram explícitas as disparidades nas dimensões dos *clusters* potenciais de turismo no Brasil, revelando uma maior dimensão do setor.

Tabela 7
Medidas de *Horizontal Clustering* (HC*) para as UF's do Nordeste

UF	2002			2005		
	E_{ij}	\hat{E}_{ij}	$HC^* = E_{ij} - \hat{E}_{ij}$	E_{ij}	\hat{E}_{ij}	$HC^* = E_{ij} - \hat{E}_{ij}$
MA	106539	158399	-51860	111643	168143	-56500
PI	39795	88756	-48961	54704	90941	-36237
CE	172926	203672	-30746	210114	222334	-12220
RN	66505	67879	-1374	77924	74012	3912
PB	74360	91073	-16713	82867	94214	-11347
PE	233099	210443	22656	213677	212170	1507
AL	51644	67950	-16306	56967	71410	-14443
SE	56169	49297	6872	53517	53034	483
BA	340158	364316	-24158	383287	377913	5374

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

O Rio de Janeiro, por exemplo, apresentou a maior magnitude do HC*, em 2005, com 248.278 ocupações excedentes. Esse valor é bastante elevado e confirma a idéia de que a atividade turística além de ser importante no estado, é muito representativa no âmbito nacional. Já o HC da Bahia, a maior medida encontrada entre os estados do Nordeste, foi pouco expressivo, ou seja, apenas 5.374 empregos são responsáveis pela inserção do estado entre as localidades que apresentam *clusters* potenciais de turismo. A tabela 8, a seguir, faz uma comparação das medidas de HC* dos estados que possuem *clusters* potenciais de turismo, para o ano de 2005.

Tabela 8
 Comparação das medidas de *Horizontal Clustering* (HC*)
 entre os estados com $QL > 1$

UF	2005	
	QL	HC = Eij - Êij
RJ	1,64	248278
AM	1,44	35031
DF	1,19	11335
AP	1,14	1763
SP	1,08	100549
GO	1,07	11103
RN	1,05	3912
SE	1,02	483
BA	1,02	5374

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

A análise do HC* também é mais interessante para as regiões metropolitanas, assim, pode-se compreender a dimensão da atividade turística em uma região mais delimitada geograficamente. A tabela 9, a seguir, faz uma comparação das medidas de *Horizontal Clustering* das regiões metropolitanas, em 2005.

O valor do HC* de cada região metropolitana apresentada possui maior expressão em relação ao valor desse indicador para as UF's, na grande maioria dos casos. As regiões metropolitanas do Nordeste apresentaram, portanto, maior relevância no que se refere às dimensões dos *clusters* potenciais de turismo.

A região metropolitana de Salvador foi a localidade do Nordeste que apresentou a maior diferença entre o número de ocupações existentes e o número esperado. Em relação às outras localidades, a RM de Salvador, em 2005, ocupou a

terceira posição (HC* = 72.127), ficando atrás da Região Metropolitana de São Paulo (HC* = 126.434) e do Rio de Janeiro, a primeira colocada (HC* = 212.497).

Tabela 9

Comparação entre as medidas de *Horizontal Clustering* (HC*) das RM's

Região Metropolitana	2005	
	QL	HC* =Eij - Êij
Belém - PA	1,41	20564
Fortaleza - CE	1,42	36767
Recife - PE	1,54	44939
Salvador - BA	1,81	72127
Belo Horizonte - MG	1,34	46993
Rio de Janeiro - RJ	1,73	212497
São Paulo - SP	1,24	126434
Curitiba - PR	1,14	12832
Porto Alegre - RS	1,10	12697

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Outro indicador utilizado neste trabalho, considerado uma medida de *Horizontal Clustering* (HC), incorpora a dimensão geográfica no qual o cluster está inserido. A partir da área territorial pôde-se calcular a concentração do número de pessoas ocupadas no setor por Km². Essa medida é interessante, pois tenta capturar uma das principais características de um *cluster* que é a proximidade entre os agentes da cadeia produtiva, condição necessária para a ocorrência de uma maior interação e, conseqüentemente, para a obtenção de sinergias.

Observou-se, então, que Sergipe foi o estado do Nordeste com a maior concentração de pessoas ocupadas no setor de turismo, por Km², HC = 2,44; seguido dos estados de Pernambuco, HC = 2,17; e Alagoas, HC =2,05. Já o estado que apresentou o menor índice de HC foi o Piauí, HC = 0,22. Os estados que apresentam maiores dimensões territoriais, por exemplo, a Bahia, perde importância nesse tipo de indicador. A análise desse indicador para o Brasil revelou que o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal e São Paulo, estão na liderança, com os respectivos valores de 14,62/ Km², 12,87/ Km² e 4,93/ Km². A tabela 10, a seguir, mostra os resultados do HC dos estados do Nordeste, em 2005.

Tabela 10

Concentração de pessoas ocupadas no setor de turismo por Km² (HC), por estado do Nordeste – 2005

UF do Nordeste	2005		
	Pessoas ocupadas no turismo	Área territorial (Km ²)	HC (empregos/ Km ²)
MA	168143	331.983,29	0,34
PI	90941	251.529,19	0,22
CE	222334	148.825,60	1,41
RN	74012	52.796,79	1,48
PB	94214	56.439,84	1,47
PE	212170	98.311,62	2,17
AL	71410	27.767,66	2,05
SE	53034	21.910,35	2,44
BA	377913	564.692,67	0,68

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Os dados de extensão territorial foram obtidos no site do IBGE.

Outra informação importante que esse indicador proporciona é a concentração de empregos por Km² nas regiões metropolitanas. Esse novo enfoque permite obter índices mais robustos, uma vez que considera áreas territoriais menos extensas.

Sob essa análise, não houve grandes mudanças nos resultados encontrados anteriormente, para as RM's. Verifica-se, então, que a Região Metropolitana do Rio de Janeiro apresenta um HC elevado, ocupando a primeira posição, seguida das regiões metropolitana de São Paulo (HC = 83,66), Salvador (HC = 68,85) e Recife (HC = 46,17). O menor valor do HC foi encontrado na Região Metropolitana de Curitiba (HC = 7,9).

A Região metropolitana de Fortaleza ocupa a sexta posição em relação ao HC. Percebe-se, então que quando se utiliza um subespaço territorial, como as regiões metropolitanas, os resultados encontrados são mais robustos. Um exemplo nítido diz respeito ao estado da Bahia, que apresentou um HC bastante baixo, não indicando a presença de clusters, contudo, quando se considera a Região Metropolitana de Salvador, essa se encontra entre as primeiras posições das maiores medidas de HC. Logo em seguida, a tabela 11 mostra os resultados do HC das regiões metropolitanas, em 2005.

Os indicadores utilizados na tentativa de dimensionar e identificar clusters potenciais de turismo no Nordeste revelaram que existem algumas potencialidades na região, representada, sobretudo, pelos estados da Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe.

Tabela 11
Pessoas ocupadas no setor de turismo por Km² (HC), por RM

Região Metropolitana	2005		
	Total de emprego do turismo	Área territorial* (Km ²)	HC (empregos/ Km ²)
Belém - PA	72185	1.819,50	39,67
Fortaleza - CE	121881	4.954,00	24,60
Recife - PE	126622	2.742,70	46,17
Salvador - BA	161082	2.339,60	68,85
Belo Horizonte - MG	182462	9.164,00	19,91
Rio de Janeiro - RJ	505607	5.724,10	88,33
São Paulo - SP	664588	7.943,70	83,66
Curitiba - PR	105308	13.325,80	7,90
Porto Alegre - RS	128680	8.212,20	15,67

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Os dados de extensão territorial foram obtidos no site do IBGE.

Todavia, algumas ressalvas são necessárias. Primeiro, o estado do Ceará não se destaca nas análises de indicadores por UF, mas, quando se analisa o desempenho do turismo na Região Metropolitana de Fortaleza, esta apresenta desempenhos que não são desprezíveis, apontando, assim, algumas evidências que estão de acordo com a sua posição de destaque na recepção de turistas no país. Outra observação pertinente, os indicadores apontaram algumas evidências de *clusters* potenciais de turismo em Sergipe, embora este estado não tenha uma participação significativa na recepção de turistas no Brasil. Uma hipótese razoável para explicar essa questão seria uma participação elevada da atividade de alimentação, já que este segmento não é exclusivo do turismo. Por fim, é importante perceber a perda de participação relativa do setor de turismo no estado de Pernambuco, fazendo comparações entre os anos de 2002 e 2005, apesar deste possuir indicadores favoráveis da existência de *clusters* potenciais de turismo.

As respostas encontradas na identificação de *clusters* potenciais de turismo são bastante plausíveis, uma vez que os principais destinos turísticos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, não deixaram de ser evidenciados.

5. Características das ocupações no setor turístico no Nordeste

O levantamento das características pessoais da mão-de-obra ocupada no setor de turismo é necessário para identificar possíveis especificidades da atividade turística na região Nordeste. Os aspectos destacados neste trabalho referem-se ao sexo, raça, idade, anos de escolaridade, renda média gerada no turismo e o nível de formalidade do setor.

5.1. Gênero e Raça

O primeiro aspecto analisado foi o gênero das pessoas ocupadas no setor turístico, no Brasil e nos estados do Nordeste. Observou-se, então, que, em 2005, por volta de dois terços das pessoas ocupadas no setor (65,5%) eram do sexo masculino, na região. A participação dos homens no setor de turismo foi um pouco menor no Brasil, em relação ao Nordeste, correspondendo a 62,3% do total. O estado da região com maior participação da mão-de-obra masculina no turismo foi a Paraíba (72,2%), enquanto que a Bahia obteve a maior participação de pessoas do sexo feminino (37,0%).

Tabela 12
Segmentação por gênero das pessoas ocupadas no setor de turismo das UF's do Nordeste -2005

UF/NE/BR	PART. (%) Homens		PART. (%) Mulheres	
	turismo	economia	turismo	economia
MA	64,0%	59,0%	36,0%	41,0%
PI	63,2%	56,8%	36,8%	43,2%
CE	65,9%	57,1%	34,1%	42,9%
RN	71,0%	60,4%	29,0%	39,6%
PB	72,2%	58,6%	27,8%	41,4%
PE	65,2%	58,7%	34,8%	41,3%
AL	69,7%	60,1%	30,3%	39,9%
SE	66,7%	57,9%	33,3%	42,1%
BA	63,0%	59,6%	37,0%	40,4%
NE	65,5%	58,7%	34,5%	41,3%
BR	62,3%	57,8%	37,7%	42,2%

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Nota: Os dados de número de ocupações geradas não podem ser considerados todos turísticos, pois existe a participação de setores não exclusivos. Os serviços de alimentação, por exemplo, são oferecidos à população local e aos turistas.

Ao se comparar a segmentação da atividade turística por gênero com todos os setores da economia, foi observada uma maior participação do sexo masculino no turismo, para todos os estados do Nordeste e para o Brasil. Ou seja, existe uma maior participação das pessoas do sexo feminino nos demais setores

da economia, se comparada com a atividade turística. Essa diferença encontrada prevalece, especialmente, na região Nordeste, onde a diferença entre a participação dos homens no turismo e na economia atingiu um percentual próximo a 7%. No Brasil essa diferença foi de 4,5%. A tabela 12, acima, mostra a segmentação por gênero das pessoas ocupadas no setor de turismo das UF's do Nordeste.

Outra característica interessante para o estudo do perfil da mão-de-obra localizada no turismo é a cor ou raça. Desta forma, a tabela 13, a seguir, segmenta as pessoas ocupadas no turismo e no total de setores da economia de acordo com a sua raça/ cor, por UF do Nordeste.

A maioria das pessoas ocupadas no setor turístico do Nordeste, em 2005, era de raça parda, correspondendo a 59% do total. A segunda maior participação observada foi de pessoas brancas, 31,7%, a terceira foi de pessoas negras, 8,9%, por fim, as outras raças tiveram uma participação de 0,4% das pessoas ocupadas no turismo na região. No Brasil, esses percentuais sofrem alterações, e a maioria das pessoas ocupadas na atividade eram da raça branca, 52,8%, enquanto que os trabalhadores de raça parda representavam 39,8% do total, os negros, 6,7%, e as outras raças, 0,6% .

Tabela 13
Segmentação por raça/ cor das pessoas ocupadas no setor de turismo das UF's do Nordeste -2005

UF/NE/BR	Turismo				Economia			
	Branca (%)	Parda (%)	Preta (%)	Outras (%)	Branca (%)	Parda (%)	Preta (%)	Outras (%)
MA	25,9	67,6	6,5	0	24,0	68,9	6,2	0,8
PI	28,3	69,8	1,9	0	23,2	73,6	3,0	0,1
CE	38,0	59,3	2,4	0,3	34,1	62,9	2,6	0,3
RN	34,7	60,2	4,5	0,6	36,4	60,5	3,0	0,1
PB	48,1	48,1	3,7	0	34,8	60,4	4,6	0,2
PE	39,0	55,6	5,1	0,4	36,7	57,3	5,5	0,4
AL	38,5	50,8	10,7	0	31,2	62,6	6,1	0,1
SE	31,5	62,3	5,6	0,6	27,2	67,7	4,8	0,3
BA	21,2	59,5	18,6	0,6	21,0	63,2	15,5	0,3
NE	31,7	59	8,9	0,4	28,7	63,4	7,5	0,3
BR	52,8	39,8	6,7	0,6	50,9	41,7	6,7	0,8

O estado do Nordeste com a maior participação de pessoas pardas no setor foi o Piauí, 69,8%; de mão-de-obra branca, a Paraíba, 48,1%; de negros, a Bahia, com 18,6% do total de pessoas ocupadas no turismo; as participações das demais raças não foram representativas nos estados.

A análise da decomposição por raça/ cor das pessoas ocupadas nos demais setores da economia revelou que não existiam diferenças significativas entre essas

participações e os percentuais observados na atividade do turismo. Constatou-se que ocorreram ligeiras mudanças na participação dos brancos, que foi menor no total dos setores, atingindo o valor de 50,7% no Brasil e 28,7% no Nordeste. As pessoas de raça parda tiveram um aumento de participação em 2005, atingindo 63,4% do total de pessoas ocupadas no Nordeste e 41,7% dessas pessoas no Brasil. A participação das pessoas negras foi menor no total de pessoas ocupadas na região, 7,5%.

As diferenças na composição por raça/ cor das pessoas ocupadas na região Nordeste e no Brasil, são reflexos de sua formação regional. O Nordeste é caracterizado por uma forte concentração da população parda e negra do Brasil, por isso apresenta diferenças acentuadas em relação à média do país, não apenas no setor de turismo, mas na economia como um todo.

5.2. Idade e Escolaridade

Além das características de gênero e raça/ cor das pessoas ocupadas no setor turístico, foram levantadas informações sobre a faixa etária desse segmento, a idade média do trabalhador e a idade que concentra a maior frequência de pessoas (moda). A tabela 14, a seguir, contém informações sobre a idade média e a idade mais freqüente das pessoas ocupadas no turismo e no total de setores da economia, por estado do Nordeste.

Tabela 14

Informações sobre a faixa etária das pessoas ocupadas no setor de turismo e na economia, por estado do Nordeste - 2005

Estados do Nordeste	Total de pessoas ocupadas no turismo		Total de pessoas ocupadas na economia	
	Idade média (anos)	Idade mais freqüente (anos)	Idade média (anos)	Idade mais freqüente (anos)
Maranhão	35,8	25	34,7	20
Piauí	35,3	33	36,3	23
Ceará	34,7	27	36,3	22
Rio Grande do Norte	33,7	30	35,8	26
Paraíba	34,4	30	35,9	23
Pernambuco	35,4	28	35,6	26
Alagoas	36,4	28	35,3	20
Sergipe	34,4	26	36,0	27
Bahia	35,1	20	35,5	24
Nordeste	35,0	30	35,6	23
Brasil	36,2	25	36,4	25

Fonte: Elaboração própria, dados do PNAD.

Verificou-se que a idade média das pessoas ocupadas no setor de turismo na região Nordeste foi 35 anos, em 2005, cerca de 1 ano a menos do que a média

brasileira para o setor (36,2 anos). Já a idade que apresenta a maior frequência dessas pessoas no Nordeste é mais elevada, em comparação com o Brasil. Enquanto que a região apresenta a idade de 30 anos como a mais freqüente nessa atividade, esse número para o país é de 25 anos. Além disso, percebeu-se que, apesar de não haver diferenças consideráveis entre as idades médias do pessoal ocupado no turismo e no conjunto de setores da economia (idade entre 35 e 36 anos), a idade mais freqüente apresenta diferenças consideráveis no Nordeste. Enquanto que o maior número de pessoas ocupadas na economia da região tem a idade de 23 anos, essa idade no setor de turismo é de 30 anos, ou seja, muito acima dos demais setores. No setor de turismo do Nordeste, a Bahia apresenta a menor idade relacionada à moda, ou seja, a maioria de pessoas ocupadas na atividade tem 20 anos, e o Piauí apresenta essa idade mais elevada, 33 anos.

Tabela 15
 Informações sobre a faixa etária das pessoas ocupadas no setor de turismo,
 por Região Metropolitana - 2005

Regiões metropolitanas	Total de pessoas ocupadas no turismo		Total de pessoas ocupadas na economia	
	Idade média (anos)	Idade mais freqüente (anos)	Idade média (anos)	Idade mais freqüente (anos)
Belém	35,2	34	35,8	25
Fortaleza	35,0	27	36,0	23
Recife	35,5	25	36,5	24
Salvador	35,3	26	35,2	25
Belo Horizonte	36,2	25	36,3	25
Rio de Janeiro	38,0	39	38,4	24
São Paulo	36,5	22	36,3	27
Curitiba	36,9	24	36,2	23
Porto Alegre	37,2	41	37,5	24
Fonte: elaboração própria, dados do PNAD.	34	34	36,7	25
Brasil	35,2	25	36,4	25

Nas regiões metropolitanas, a idade média das pessoas ocupadas no turismo, em 2005, foi de 35,2 anos, menor do que a média do Brasil. A tabela 15, a seguir, traz informações sobre a faixa etária das pessoas ocupadas no setor de turismo e no total dos setores, por região metropolitana.

De acordo com os resultados obtidos, a região metropolitana que apresentou a idade média mais elevada foi a do Rio de Janeiro, 38,02 anos. A idade mais freqüente, entre as pessoas que trabalham no setor, considerando o total das RM's foi de 25 anos. A Região Metropolitana de Porto Alegre revelou a maior moda, 41 anos, enquanto que a RM de São Paulo teve esse menor valor, 22 anos.

Entre as RM's do Nordeste, a de Recife foi a que apresentou a maior idade média das pessoas ocupadas no setor turístico, 36,05 anos, e a maior moda, 27 anos. Ainda, a Região Metropolitana de Salvador tem a moda de 26 anos, muito acima da encontrada no estado da Bahia que foi de 20 anos, em 2005.

Percebeu-se que, em relação à idade média, o setor de turismo nas regiões metropolitanas apresenta uma pequena diferença em relação ao total de setores,

entretanto, o valor mais freqüente da idade entre as pessoas ocupadas difere de forma significativa, sendo mais elevado no turismo. Enquanto que a moda do setor nas regiões metropolitanas é de 34 anos, no total de atividades da economia é de 25 anos. Vale ressaltar que as RM's do Nordeste não apresentam grandes discrepâncias nessas idades.

A caracterização da mão-de-obra do turismo também incorpora o nível de instrução das pessoas ocupadas na atividade. Desta forma, observou-se, em 2005, que a média de anos de estudos das pessoas ocupadas no setor no Nordeste foi de 7,9 anos, um pouco menor do que a escolaridade média do turismo observada no Brasil que foi 8,6 anos. Os estados da região que apresentaram os maiores níveis de escolaridade média no setor turístico foram: Rio Grande do Norte (8,4 anos), Pernambuco (8,2 anos), Bahia (8,2) e Ceará (8,0 anos). A tabela 16, a seguir, mostra os grupos de anos de estudos e escolaridade média para as pessoas ocupadas no turismo e na economia, por UF do Nordeste, em 2005.

A comparação entre os anos de escolaridade média do turismo e do total de setores da economia revela que o nível de instrução das pessoas ocupadas no segmento é mais elevado no país e em todos os estados do Nordeste, contudo, no Brasil essa diferença é pouco significativa. Enquanto que a escolaridade média de uma pessoa ocupada na economia foi de 6,7 anos no Nordeste e 8,4 anos no Brasil, o setor turístico apresentou, na região, um ano de estudo a mais na escolaridade média. Os estados do Nordeste que tiveram as maiores diferenças de escolaridade média entre o turismo e o total de setores da economia foi o Piauí e a Bahia

Tabela 16

Grupos de anos de estudos e escolaridade média para as pessoas ocupadas no cluster de turismo (Tur) e no total da economia (Tot) - 2005

UF/NE/BR	Grupos de anos de estudos e escolaridade média/ 2005															
	S/instrução e menos de 1 ano (%)		1 a 3 anos (%)		4 a 7 anos (%)		8 a 10 anos (%)		11 a 14 anos (%)		15 anos ou mais (%)		s/declaração (%)		Escolaridade média (Anos)	
	Tur	Tot	Tur	Tot	Tur	Tot	Tur	Tot	Tur	Tot	Tur	Tot	Tur	Tot	Tur	Tot
MA	12,9	23,2	19,4	20,5	23,0	24,0	18,7	12,5	25,9	17,5	0,0	2,0	0,0	0,2	7,1	6,1
PI	7,5	25,5	23,5	20,0	27,4	25,7	18,9	10,1	21,7	14,4	0,9	4,2	0,0	0,0	7,2	5,8
CE	8,6	19,5	13,3	15,8	28,7	24,8	19,8	13,7	28,3	21,3	1,2	4,5	0,1	0,4	8,0	7,0
RN	5,7	14,3	10,2	15,8	31,8	28,3	21,5	14,2	29,0	23,5	1,7	5,7	0,0	0,1	8,4	7,5
PB	11,2	21,3	15,5	17,0	35,3	25,0	13,9	11,3	23,0	18,3	1,1	5,1	0,0	0,1	7,0	6,6
PE	4,8	16,1	12,4	15,7	32,0	27,8	21,4	12,1	25,0	21,9	2,8	6,2	0,6	0,2	8,2	7,2
AL	9,8	24,7	14,8	18,1	38,5	28,0	19,7	10,1	15,5	14,8	1,6	4,0	0,0	0,3	7,0	6,0
SE	9,9	17,5	13,5	18,0	31,5	24,3	24,1	14,8	19,7	22,3	0,5	4,6	0,5	0,5	7,4	7,2
BA	5,7	18,1	14,3	17,3	29,3	26,4	20,5	13,1	27,5	21,4	2,1	3,4	0,5	0,1	8,2	6,9
Fonte: Elaboração própria a partir do PNAD/2005	7,5	11,5	14,5	17,3	34,0	29,0	20,1	12,6	25,9	20,1	1,6	4,3	0,3	0,2	7,9	6,7
BR	4,7	9,5	9,0	11,6	30,2	26,7	23,5	16,4	28,7	27,3	3,6	8,1	0,3	0,3	8,5	8,4

A segmentação dos grupos de anos de estudos mostrou que as pessoas com nível de escolaridade mais baixo, menos de 7 anos de estudos, corresponderam a

22% da mão-de-obra ocupada no turismo no Nordeste, e 13,7%, no Brasil. Já no grupo intermediário (8 a 10 anos de estudos), essas localidades não apresentam diferenças significativas, em 2005, e o percentual ficou em torno de 20%. Nos níveis mais elevados de grau de instrução, a região Nordeste concentrou a menor parcela das pessoas ocupadas na atividade. O percentual das pessoas que se encontravam no nível entre 11 a 14 anos de estudos foi de 25,9%, e 1,6% no grupo com mais de 15 anos de estudos. Os números que o Brasil apresentou nesses últimos grupos de estudos foram 28, 7% e 3,6%, respectivamente. Percebe-se, então, que a mão-de-obra do setor turístico existente na região é mais desqualificada, se comparada com atividade no país.

A observação dos grupos de estudos na economia e sua comparação com a atividade turística revelaram que no turismo o grupo de pessoas com menos de 3 anos de instrução tem uma menor participação do que ocorre no total de pessoas ocupadas na economia. Por exemplo, no Nordeste, esse grupo de anos de estudos representou 22% das pessoas ocupadas no setor, enquanto que para o total da economia esse valor foi de 36,8%. Além disso, o percentual de pessoas com escolaridade acima de 11 anos de estudos foi menor no total de pessoas ocupadas na economia. Vale ressaltar, porém, que a participação de pessoas com mais de 15 anos de estudos foi mais significativa na economia como um todo. Assim, os valores foram 8,1% do total de pessoas ocupadas no Brasil, em 2005, e 4,3% dessas pessoas no Nordeste. As participações desse grupo no setor de turismo foram de 1,6% e 3,6%, para a região e o Brasil, respectivamente. O maior número de pessoas ocupadas no Nordeste ainda se encontrou no grupo de 4 a 7 anos estudos, porém, no Brasil, o grupo que teve o maior número de pessoas ocupadas na economia foi o de 11 a 14 anos.

5.3. Níveis de Rendimento

A última característica observada das pessoas ocupadas no turismo foi o rendimento da atividade, em 2005. A renda média mensal de um a pessoa ocupada no turismo na região Nordeste foi de R\$485,43, em 2005. Este valor correspondeu a 67,3% da renda média mensal do setor no Brasil, que foi de R\$720,85. Os estados do Nordeste que apresentaram remunerações acima da média da região foram: Piauí, R\$566,91; Rio Grande do Norte, R\$557,14; Bahia, R\$511,84; Pernambuco, R\$509,32; e Alagoas, R\$488,43. O rendimento médio mensal mais baixo do setor foi verificado no estado do Maranhão, R\$387,67.

A comparação entre os rendimentos médios gerados no setor de turismo e as remunerações médias do total de setores da economia, mostra que o turismo no Nordeste é um setor que remunera um pouco acima da média das demais atividades da região. Entretanto, essa característica não foi observada em relação ao Brasil. Ou seja, no país o rendimento médio de uma pessoa ocupada na economia é superior ao rendimento médio da atividade turística. Os estados do Nordeste que apresentaram rendimento do turismo abaixo da média das remunerações dos outros setores foram: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. Outra observação importante é que a remuneração média da atividade turística nos estados

do Nordeste representa uma maior parcela do rendimento da atividade no Brasil, do que quando se compara as remunerações médias da economia de cada UF do Nordeste com a média brasileira. A tabela 17, a seguir mostra o rendimento médio mensal das pessoas ocupadas no turismo e na economia.

Tabela 17
Rendimento médio - 2005

Estado do Nordeste	Total de pessoas ocupadas no turismo		Total de pessoas ocupadas na economia	
	Renda média mensal (R\$)	Percentual da renda média do turismo UF/ Brasil	Renda média mensal (R\$)	Percentual da renda média da economia UF/ Brasil
Maranhão	387,67	53,8%	377,42	49,0%
Piauí	566,91	78,6%	382,37	49,6%
Ceará	482,28	66,9%	443,94	57,6%
Rio Grande do Norte	557,14	77,3%	567,77	73,7%
Paraíba	391,13	54,3%	486,50	63,2%
Pernambuco	509,32	70,7%	522,16	67,8%
Alagoas	488,43	67,8%	461,75	59,9%
Sergipe	474,13	65,8%	512,33	66,5%
Bahia	511,84	71,0%	467,41	60,7%
Fonte: elaboração própria, dados do IBGE.	465,38	67,3%	465,38	60,4%
Brasil	720,85	100%	770,24	100,0%

A segmentação da renda gerada no turismo por atividade que compõe o setor é importante para se perceber se existem diferenças acentuadas entre as remunerações dos setores de hospedagem, alimentação, transporte rodoviário, transporte aéreo, agências de viagens e aluguel de veículos. Então, para o ano de 2005, a atividade do turismo que apresentou a maior remuneração média mensal no Nordeste foi a de aluguel de veículos (R\$1995,25), e a de menor renda média mensal foi a atividade de alimentação (R\$398,69). No Brasil, a atividade de transporte aéreo foi a que teve a maior renda média mensal (R\$1577,61), já o setor de alimentação também apresentou a menor remuneração mensal (R\$591,53). A tabela 18, a seguir, mostra a remuneração média mensal por atividade que compõe o setor turístico da região Nordeste e do Brasil.

Tabela 18

Rendimento médio mensal das pessoas ocupadas no turismo, segmentado por atividade

Renda média mensal -2005							
NE/BR	Hospedagem	Alimentação	Transporte Rodoviário de Passageiros	Transporte Aéreo	Agências de Viagens	Aluguel de Veículos	Lazer
NE	491,16	398,69	560,06	1508,61	1119,05	1995,25	564,77
BR	762,16	591,53	806,40	1577,61	1489,79	1292,72	949,25

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

A comparação entre as remunerações do setor turístico das regiões metropolitanas e o rendimento médio que ocorre no total da economia, em 2005, também foi realizada. Verificou-se que, as pessoas ocupadas no turismo nas regiões metropolitanas são mais bem remuneradas, em relação aos rendimentos do setor na região Nordeste e no Brasil. Na maioria das regiões metropolitanas, o rendimento da atividade ficou abaixo da média dos outros setores. A única exceção observada ocorreu na região Metropolitana de Curitiba. A remuneração média mensal da mão-de-obra ocupada no turismo nas regiões metropolitanas foi de R\$808,97. Esse valor equivale a 112,2% do rendimento médio mensal do Brasil para o setor, porém ficou abaixo da remuneração média dos outros setores que foi de R\$993,11 (correspondente a 137,9% da remuneração média do Brasil). A tabela 19, a seguir, contém o rendimento médio mensal das pessoas ocupadas no turismo e na economia, por região metropolitana.

Tabela 19

Rendimento médio mensal, por região metropolitana – 2005

Região Metropolitana/BR	Total de pessoas ocupadas no turismo		Total de pessoas ocupadas na economia	
	Renda média mensal (R\$)	Percentual da renda média do turismo no Brasil (R\$)	Renda média mensal (R\$)	Percentual da renda média da economia UF/ Brasil
Belém - PA	533,65	74,0%	629,41	87,4%
Fortaleza - CE	615,7	85,4%	629,57	87,4%
Recife - PE	580,28	80,5%	720,80	100,1%
Salvador - BA	628,21	87,1%	692,17	96,1%
Belo Horizonte - MG	797,29	110,6%	860,25	119,4%
Rio de Janeiro - RJ	906,79	125,8%	980,57	136,1%
São Paulo - SP	920,49	127,7%	1139,19	158,2%
Curitiba - PR	1382,29	191,8%	1033,83	143,5%
Porto Alegre - RS	926,21	128,5%	1049,31	145,7%
Total da RM's	808,97	112,2%	993,11	137,9%
BR	720,85	100%	720,24	100,0%

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

Deve-se destacar que as maiores remunerações foram encontradas nas regiões metropolitanas do Sul do Brasil, RM's de Curitiba (R\$ 1382,29) e de Porto Alegre (R\$926,21).

As regiões metropolitanas do Nordeste no turismo apresentaram rendimentos abaixo da média das RM's e do Brasil. A Região Metropolitana de Salvador foi a que apresentou a maior remuneração do setor entre as RM's do Nordeste, R\$628,21, ou, 87,1% do rendimento médio mensal do turismo no país, contudo esse valor está abaixo da renda média mensal de outros setores.

5.4. Grau de Formalidade do Setor Turístico

A última característica analisada neste trabalho foi o grau de formalidade do setor turístico, especialmente no Nordeste. Constatou-se, então, que, em 2005, a atividade apresentou na região um nível de formalidade um pouco acima do que ocorre na economia como um todo, entretanto, no Brasil essa diferença não foi observada. A tabela 20, a seguir, mostra o grau de formalidade do setor de turismo e da economia, por UF do Nordeste, em 2005.

Tabela 20
Grau de formalidade do turismo e da economia-2005

UF/NE/BR	Turismo		Economia	
	Formal (%)	Informal (%)	Formal (%)	Informal (%)
Maranhão	24,2	75,8	22,7	77,3
Piauí	31,5	68,5	24,5	75,5
Ceará	31,7	68,3	30,9	69,1
Rio Grande do Norte	43,7	56,3	40,1	59,9
Paraíba	29,4	70,6	34,4	65,6
Pernambuco	34,6	65,4	37,2	62,8
Alagoas	34,2	65,8	35,8	64,2
Sergipe	38,6	61,4	39,9	60,1
Bahia	35,8	64,2	32,3	67,7
Nordeste	33,9	66,1	32,3	67,7
Brasil	50,3	49,7	50,3	49,7

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

De acordo com a tabela acima, em 2005, a participação da mão-de-obra informal no turismo foi de 66,1%, contra 67,7% observado na economia. Todavia, essa diferença não foi observada no Brasil, e o nível de informalidade continuou a ser 49,7% do total de pessoas ocupadas. O estado da região que apresentou maior formalidade no setor turístico foi o Rio Grande do Norte, 43,7%. Contudo, os estados de Sergipe, Bahia, Pernambuco e Alagoas apresentaram um nível de formalidade do turismo acima da média observada no Nordeste. Vale ressaltar

que todas as UF's da região Nordeste apresentaram uma informalidade no turismo maior do que a do setor no Brasil, seguindo a tendência presente na economia nordestina em relação à média nacional.

O nível de formalidade do setor de turismo nas regiões metropolitanas do país também foi verificado neste trabalho. Constatou-se, então, que o grau de formalidade encontrado no turismo nas RM's foi superior aos resultados do Nordeste e do Brasil, contudo, na média, o setor apresentou mais informalidade do que a economia. A tabela 21, a seguir, mostra o grau de formalidade do setor de turismo e da economia, nas regiões metropolitanas, em 2005.

A região metropolitana do Brasil que apresentou maior formalidade no turismo foi a de Porto Alegre, 70,1% das pessoas ocupadas na atividade. Essa região também teve a maior participação do setor formal em relação à economia. Pôde-se perceber que todas as RM's da região Sul e Sudeste tiveram uma menor participação do setor informal no turismo, se comparado com a média do Brasil. Todavia, para a maioria dessas RM's, o turismo apresentou um nível de informalidade maior do que o observado em suas economias.

As Regiões Metropolitanas do Nordeste apresentaram um maior nível de formalidade no setor turístico, se comparado aos resultados das suas UF's. A região metropolitana de Salvador foi a que teve a maior participação da mão-de-obra formal na atividade, 48,4%. É importante destacar, porém, que em relação ao grau de formalidade dessas economias, o turismo nas RM's do Nordeste foi mais informal, em 2005.

Tabela 21
Grau de formalidade do turismo e da economia, por RM - 2005

Região Metropolitana/NE/BR	Turismo		Economia	
	Formal (%)	Informal (%)	Formal (%)	Informal (%)
Belém	37,2	62,8	42,6	57,4
Fortaleza	44,7	55,3	46,7	53,3
Recife	42,9	57,1	52,3	47,7
Salvador	48,4	51,6	53,0	47,0
Belo Horizonte	64,5	35,5	62,4	37,6
Rio de Janeiro	59,1	40,9	62,1	37,9
São Paulo	57,7	42,3	61,3	38,7
Curitiba	62,6	37,4	61,6	38,4
Porto Alegre	70,1	29,9	66,4	33,6
Total das RM's	56,9	43,1	59,8	40,2
Nordeste	33,9	66,1	32,3	67,7
Brasil	50,3	49,7	50,3	49,7

Fonte: Elaboração própria, dados da PNAD.

6. Conclusões

O presente trabalho apresentou algumas evidências a respeito da existência de *clusters* potenciais de turismo na região Nordeste, estados e regiões metropolitanas. Buscou-se dimensionar a atividade turística e, além disso, destacar algumas características do pessoal ocupado no setor, tais como gênero, raça, idade, nível de instrução, renda e grau de informalidade.

As atividades que apresentaram as maiores participações no setor de turismo no Nordeste foram as seguintes: alimentação, transporte rodoviário e hospedagem. O setor de alimentação teve uma participação superior a 50% no total das ocupações no turismo na maioria das localidades. Contudo, esse segmento não é exclusivo do turismo, o que pode gerar algumas distorções na análise.

Os indicadores utilizados na tentativa de dimensionar e identificar *clusters* potenciais de turismo no Nordeste revelaram a existência de algumas potencialidades na região, representadas, sobretudo, pelos estados da Bahia, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe. Ademais, quando se considera a participação “núcleo puro” do turismo no *cluster*, o estado de Alagoas se destaca no Nordeste, seguido do Rio Grande do Norte e Pernambuco. A identificação de *clusters* de turismo nas regiões metropolitanas do Brasil foi comprovada para todas as localidades. No Nordeste, a RM de Salvador foi a que apresentou o maior potencial no setor, todavia, as regiões metropolitanas de Recife e Fortaleza também tiveram desempenhos favoráveis.

Dentre as características do setor turístico levantadas neste trabalho, observou-se que, em 2005, a maioria das pessoas ocupadas na atividade no Nordeste era do sexo masculino, de raça parda, com idade média de 35 anos e nível médio de escolaridade de 7,9 anos de estudo. A escolaridade média de uma pessoa ocupada no turismo no Nordeste foi mais baixa do que a média observada no Brasil. Porém, vale ressaltar que este setor na região apresentou um número médio de anos de estudo mais elevado do que o observado para a economia nordestina como um todo. Ainda, o rendimento médio mensal do setor na região ficou um pouco acima da média observada para toda a economia, porém, correspondeu a 67,3% da renda média mensal do turismo no Brasil. Verificou-se, também, que as regiões metropolitanas apresentaram rendimentos do turismo superiores aos obtidos no Nordeste e no

Brasil. Por fim, a última característica observada do turismo foi referente ao nível de formalidade do segmento. No Nordeste, a atividade apresentou um maior nível de formalidade do que o encontrado na economia da região. Entretanto, no Brasil essa diferença não foi observada. Nas regiões metropolitanas, o nível de formalidade do setor de turismo foi maior quando comparado aos resultados obtidos para o setor nas UF's. Apesar disso, a informalidade encontrada na atividade turística foi maior do que a média observada para todos os setores da economia.

Referências Bibliográficas

- BRITTO, J.; ALBUQUERQUE, E. da M. Estrutura e dinamismo de clusters industriais na economia brasileira: uma análise exploratória a partir de dados da RAIS. In: TIRONI, L. F. (Coord.) *Industrialização Descentralizada: sistemas industriais locais*. Brasília: IPEA, 2001.
- ALMEIDA, M.; LIMA, R. et al. Identificação e avaliação de aglomerações produtivas: uma proposta metodológica para o Nordeste. 2003. Recife: PIMES/ IPSA/BNB.
- BARBOSA, M.; A. C.; ZAMBONI, R. A. Formação de um 'cluster' em torno do turismo de natureza sustentável em Bonito (MS). In: TIRONI, L. F. (Coord.) *Industrialização Descentralizada: sistemas industriais locais*. Brasília: IPEA, 2001.
- BARROS, A. R. C. Raízes históricas das idéias que subsidiam as políticas de clustering. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 22, n. 1(85), p. 131-149, 2002.
- BRASIL/ MTUR/ FIPE. Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil- 2006. Disponível em:
<www.turismo.gov.br/site/arquivos/dados_fatos/turismo_domestico/Apresentacao_Turismo_Domestico_2006.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2006.
- BRASIL/ MTUR/EMBRATUR. Anuários estatísticos, 2001 a 2006. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em: 10 fev. 2007.
- DUARTE, T.; GOUVEIA, M. O cluster turismo em Portugal, set. 2001. Disponível em:
<www.gee.min-economia.pt/resources/docs/publicacao/RT/cluster_turismo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2005.
- IGLIORI, D. C. ; Fingleton, B. ; MOORE, B. . Clusters Dynamics: New Evidence and Projections for Computing Services in Great Britain. *Journal of Regional Science*, EUA, v. 45, n. 2, p. 283-311, 2005.
- MAMBERTI, M. M. S.; BRAGA, R. Arranjos produtivos turísticos e desenvolvimento local. In: I Seminário Internacional O desenvolvimento local na Integração: Estratégias, Instituições e Políticas, 2004, Rio Claro. Anais do I Seminário Internacional O desenvolvimento local na Integração: Estratégias, Instituições e Políticas. Rio Claro: IGCE-UNESP, 2004. v. 1. p. 1-11 Disponível em:
<www.rc.unesp.br/igce/planejamento_publicacoes/TextosPDF/mamberti01.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2006.